



## **Confissões de uma viajante: reflexões sobre a observação da vida silvestre a partir da autoetnografia**

### **Confessions of a traveler: reflections on wildlife observation from autoethnography**

Paula Chamy Pereira da Costa

**RESUMO:** A partir da autoetnografia procuro abordar aspectos socioculturais envolvidos na realização de viagens para observação da vida silvestre. Artigos acadêmicos escritos em primeira pessoa e a partir das experiências de vida do autor ainda são exceção. Muitas críticas como o egocentrismo são imputadas a esse tipo de texto. No entanto, a reflexão proposta por textos autoetnográficos permite compreender não somente as escolhas de vida do autor, mas a transformação cultural, histórica e afetiva da sociedade. Colabora também para a compreensão dos atravessamentos multiespécies que experienciamos, muitas vezes, sem notar. Essa invisibilidade da afetação que o outro nos provoca seja nas viagens, seja no dia a dia, não impede que haja transformações comportamentais e éticas individuais e coletivas. Nesse texto repleto de indagações tento demonstrar a complexidade envolvida nas relações do animal humano com o animal não-humano. Relações que são estabelecidas a partir da atividade turística para observação da vida selvagem, grupo em que estou envolvida na maioria das viagens que realizo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Animais Não Humanos; Vida Silvestre; Atravessamentos.

**ABSTRACT:** Through autoethnography, I aim to address the sociocultural aspects involved in wildlife-watching travels. Academic articles written in the first person and based on the author's lived experiences remain uncommon. Such texts often face criticism, including accusations of egocentrism. However, the reflections offered by autoethnographic writing allow us to understand not only the author's life choices but also broader cultural, historical, and affective transformations in society. This approach also sheds light on the multispecies entanglements we experience—often unnoticed. The invisibility of the affectation provoked by the other causes us, whether during travels or in daily life, does not negate the individual and collective behavioral and ethical transformations that result. In this text, filled with inquiries, I attempt to demonstrate the complexity of the relationship between human and non-human animals—relationships forged through wildlife tourism, a practice central to most of my own journeys.

**KEYWORDS:** Non-Human Animals; Wildlife; Crossings.

## Introdução

O presente artigo pode parecer uma elucubração de uma apaixonada por animais não humanos, ou mesmo uma crônica. Incomum escrever textos acadêmicos em primeira pessoa, mas aprendi que a autoetnografia confere ao pesquisador a oportunidade de compreender profundamente suas escolhas tanto na pesquisa como fora dela.

A partir de suas experiências pessoais, o pesquisador escreve sobre a realidade em que se insere e pode experienciar o outro, descartando a impessoalidade tão propagada pela ciência “mesmo”. Sou um animal, um animal humano. Tenho subjetividades e conexões corporais, intelectuais, emocionais, morais e emocionais, assim como os demais animais não humanos. É menos científico assumir os afetos e emoções na pesquisa? É possível fazer ciência sem mostrar a si mesmo? Somos capazes de nos despir da nossa animalidade para apenas raciocinar logicamente ou podemos assumir nossas paixões na pesquisa?

A autoetnografia reconhece a subjetividade ao invés de tentar dissimular as emoções ou fingir que elas não existem (Ellis; Bochner, 2003). Segundo Ferrarotti (1988), é possível ler uma sociedade por meio da etnografia porque o indivíduo que a faz está conectado à sociedade por meio, inclusive, de grupos dos quais faz parte. Assim, a vida de uma pessoa não está destacada da época histórica em que vive, ou dos contextos em que está inserido.

É no final da década de 1970 e início da década de 1980 que trabalhos em autoetnografia surgem com mais frequência. Porém, é nos anos 90 que o gênero toma impulso com Carolyn Ellis e Arthur Bochner que publicaram a obra "*Composing Ethnography, alternative forms of qualitative writing*" em 1996 (Ellis; Bochner, 2003).

A autoetnografia é um gênero de escrita e investigação autobiográfica que conecta o pessoal ao cultural. O autor pode enfatizar o lado pessoal, o cultural ou o próprio processo de investigação (Ellis; Bochner, 2003).

Em linhas gerais, no que se refere ao método, a autoetnografia combina a *autobiografia*, ou seja, um gênero literário onde o autor seleciona e narra suas experiências de vida e a *etnografia*, uma metodologia de pesquisa que estuda a cultura e o comportamento de grupos sociais.

Ferrarotti (2007) destaca a contribuição de Pierre Bourdieu pela importância dos dados qualitativos e a capacidade que esses dados têm de fornecer elementos para a interpretação aprofundada e autêntica da vivência social. Olhar os cantos obscuros da sociedade da abundância e o turismo é fruto dessa sociedade.

Neste texto, o grupo social é formado pelo turismo de observação de vida silvestre. Eu, particularmente, me defino como viajante, mas é só uma preferência porque quando se fala do turista geralmente na minha mente aparece uma figura caricata, de bermuda e camisa florida. Não é assim. Existe uma multiplicidade de turistas, mas todos nós humanos temos preconceitos apesar de não os escancarar por vergonha, polidez ou talvez proteção contra ações judiciais.

Quando se opta pela autoetnografia, parte-se das experiências íntimas relacionando-as a aspectos culturais compartilhados. Pode-se dizer que na autoetnografia o autor é um observador participante e analista de sua própria cultura e do momento histórico em que vive.

Entrei em contato com a autoetnografia no final da década de 2000 quando cursava uma disciplina ministrada pelo meu orientador de doutorado, professor José Geraldo Marques. Na disciplina, após tomarmos contato com os textos teóricos sobre a escrita autoetnográfica, fomos convidados a escrever sobre as plantas da nossa infância (Chamy, 2022).

## **Material e Métodos**

Em um primeiro momento, pensei talvez, que para escrever o texto pudesse me alicerçar na psicologia social, o ramo da psicologia que estuda a zona nebulosa e híbrida (Jovchelovitch, 2004) das relações entre o indivíduo e a sociedade. Mas o objeto da psicologia social se debruça em como as pessoas pensam, se comportam e se relacionam. Eu não me aprofundei no assunto e fiquei insegura para utilizar a teoria e seus métodos.

Optei pela etnografia, atentando para o fato de que meu corpo, como ensina Benites (2018), é um espaço atravessado e habitado por múltiplos seres humanos e não humanos, materiais e imateriais que tatuam meu corpo e espírito, ainda que eu não perceba em um primeiro momento. Também pelo fato de a autoetnografia tentar romper o binômio ciência e arte (Ellis, Adams, Bochner, 2015).

Em nosso território individual, nosso corpo, existem inúmeros atravessamentos. Somos afetados por nossas relações. Afetamos os outros. Em viagens que podem ser realizadas também no quintal de casa ou com a leitura de um livro, aprendemos, ensinamos, somos atravessados.

Viajar (para mim), citando Mário Quintana, é trocar a roupa da alma, mas particularmente, apesar dos diferentes atravessamentos a que sou submetida todos os dias, somente mudo totalmente de roupa quando tem bicho envolvido.

Por meio das minhas experiências de viagem para observação de fauna, me permiti refletir, neste texto, sobre alguns problemas sociais da contemporaneidade e principalmente, as consequências do turismo para os animais humanos e não-humanos, sejam eles considerados em grupo (fauna) ou individualmente.

O turismo de observação de fauna é caracterizado pelo contato com ambientes naturais, ou ecoturismo, e é apontado como um dos segmentos turísticos que mais crescem em países em desenvolvimento devido a alta biodiversidade contida neles (Vidal, Paim, Mamede, 2022). Como aspectos positivos os autores apontam a transição de economias locais dependentes de atividades predatórias, como a caça, para o uso indireto da biodiversidade animal. No entanto, se existem benefícios para as comunidades locais e para

o turista, não é todo contato humano que é benéfico para o animal não humano.

Além disso, se por um lado a atividade de observação de fauna pode auxiliar na conservação e proporcionar melhoria da qualidade de vida da população local, ela também escancara as injustiças sociais, a exploração dos animais não humanos, a irresponsabilidade da atividade nas aproximações da fauna, a escravização dos bichos em nome da tradicionalidade, a crise ambiental, a falta de compromisso político com a conservação, os desastres climáticos entre outros temas. Existem inúmeras complexidades nas relações humanos-não humanos.

## Resultados e Discussão

Animais não humanos são meu elo de ligação com o mundo desde a mais tenra infância. Minha mãe sofreu com minhas feridas psicossomáticas fruto das mortes de cada ave ferida por estilingues que eu recolhia da rua e levava para casa. Eram febres e lágrimas. Meu pai tentava amenizar me dando pequenas tartarugas (pobres animais explorados) de uma loja no centro da cidade de São Paulo - a casa Orestes. Mas elas também morriam por falta de lar, de companhia dos semelhantes, do habitat adequado. E mais febre.

Na fazenda dos meus avós era uma alegria contínua. Meu avô chamava as vacas pelo nome: Maravilha, Lindóia, Rebeca, Laranjeira...Dois cavalos corriam pela paisagem rural: Tamoio e Pioneiro, e tinham os porcos, as galinhas, as corujas, as maritacas e outras tantas aves, os sapos, os vagalumes, as joaninhas, os louva-deus. O mundo encantado dos animais grandes ou pequenos.

Em São Paulo eu vivia enfiada na casa da vizinha que tinha um cachorro. Um pequinês, hoje uma raça quase extinta, substituída pelos *shitzus* que estão na moda. Sim, raça de cachorro é moda também, assim como destinos turísticos. Beijeí tanto esse pequinês que ele mordeu minha boca. E lá foi minha mãe ao hospital onde tomei injeções em volta da barriga. Ganhei uma cicatriz, hoje quase inexistente, mas não adiantou. Continuei atrás do pequeno cão que fugia irritado ao me ver correndo para ele de braços abertos.

Na casa dos meus avós no interior de São Paulo onde passava as férias, eu tinha um gato amarelo - o Mimi. Mas ele era adulto e não podia tirá-lo da liberdade do campo para trazer para a cidade grande. Pelos afetos da infância ganhei de uma vizinha dos meus avós um filhote de gato, aliás, gata, de seis meses. Tigradinha.

No meu corpo de seis anos de idade, aquela felicidade não cabia, mas o destino se encarregou de mudar tudo. Era Carnaval e uma porta aberta distraidamente fez com que a bichana corresse para a liberdade da pequena cidade e eu ficasse desolada. Só foi achada uma semana depois de eu já ter ido embora. O amor não foi recíproco.

Voltei para São Paulo sem a gata, e com febre de quarenta graus. Incessante, preocupante, o que fez com que meu pai, apesar dos protestos

da minha mãe, não resistisse e me levasse à Casa Orestes para escolher um cachorro. Escolhi um pequinês, o Toquinho.

Desde então, para desespero de alguns e alegria de outros, não fico sem bicho. Sempre aprendo com eles. Com sua pureza atravessam minha alma. Alguns contatos deixam marcas. Eu tive a boca mordida. Nada parecido com o atravessamento de Martin (2021), a antropóloga francesa que, na Sibéria, enquanto realizava uma pesquisa de campo com povos originários, teve um encontro corporal com um urso marrom que levou parte do seu maxilar.

Encontros deixam cicatrizes, grandes, pequenas, invisíveis. Sou *bichodependente* e virei mãe *bicológica* de alguns indivíduos. No entanto, o contato com a vida silvestre é mais que afetivo, é vital porque é nesse espaço que há uma revitalização das conexões entre mim e os outros que me atravessam. É onde reafirmo minha animalidade, abasteço meus sentidos e fortaleço meus laços espirituais com aquela que me gerou - a Natureza.

O gosto por viajar veio do meu pai, que tinha uma agência de viagens e também trabalhava com transporte internacional de shows. Quando vinha ao circo, ele me levava para ver os bichos antes das estreias, aumentando meus sentimentos para com aqueles seres considerados pela sociedade dominante como irracionais. Tenho foto com filhote de leão no colo e uma com um chimpanzé, mas essa sumiu por alguma razão.

Já fui ver urso no circo de Moscou e os cavalos de Viena nos bastidores dos espetáculos. Me tornei ovolactovegetariana, com alguns episódios de consumo de peixe, aos 13 anos. Não quero comer bicho. Mas peixe é bicho! Não como mais.

Hoje sei que a indústria do ovo e do leite é cruel e compro para casa ovo caipira, daquele colorido que vem até com pena na casca e leite vegetal. Menos pior para alguém que não quer bicho explorado. Bicho humano também é. O queijo não consegui substituir, pelo menos ainda, mas encontrei em uma feira vegana duas marcas que me agradaram.

Sou contra exploração animal em circo ou qualquer tipo de evento. Vaquejada, rodeio, zoológico. Exploração animal não, nunca mais. Tem abaixo-assinado contra? Me manda que eu assino. Mas faz poucos anos, talvez sete, que deixei de comprar bota (adoro botas) e outros itens de couro. Incoerente? Sim, totalmente. Ainda paro nas vitrines de inverno, mas penso na futilidade de usar a pele de um ser vivo em um calçado e desisto.

A própria Constituição Federal de 1988 (CF/88) proíbe a crueldade. Será que o *Sapiens* não sabe ler? Será que todo cidadão não deveria ler a constituição do seu país? Será que todo ser humano não deveria ter oportunidade para saber ler? Se não sabe ler a letra da lei será que também não compreende os corpos feridos, os olhos marejados, os traumas psicológicos dos bichos?

Quando ganhei o Toquinho era final da década de 1970. Animal comprado e comprei outros depois, já adulta. Gosto mais de adotar com ou sem raça definida, mas já comprei. Hoje vejo vários protetores dos animais



com raça definida para adotar. Abandono não é exclusivo de vira-lata. Triste, seja como for. Mas se hoje pensamos que avançamos pouco, lá nos idos da ditadura, sequer se cogitava circo sem palhaço ou animal. Hoje os circos no mundo todo estão abolindo a exploração animal porque a sociedade pressiona. Hoje se discute que zoológico deve se transformar em santuário, tem debate sobre bem estar animal, tem bicho sendo autor de processo judicial e advogado animalista.

Voltemos ao tema do texto, porque há limites de páginas e o leitor pode ou não concordar comigo, mas certamente não é meu terapeuta: a vida silvestre. Confesso que vivi, parafraseando Pablo Neruda, outra das minhas referências mais presentes. Mas aqui confesso também que cometi erros nessa busca pela proximidade dos bichos.

A conexão ser humano-animal pode ser de diversos tipos. Pode ser afetiva, trófica, ornamental, entre muitos tipos elencados pela Etnoecologia Abrangente (Marques, 2001). Mas mesmo as que pensamos ser bem intencionadas, podem não o ser e no caso do turismo de observação da vida silvestre a conexão deveria ser contemplativa e nunca exploratória. Não é o que ocorre sempre.

Meus erros não foram erros cometidos para autopromoção como alguns biólogos de programas televisivos fazem ao agarrar e provocar os bichos. Também não foi para angariar fundos para projetos onde animais não humanos são explorados, como o fazem os defensores dos veículos puxados por tração animal. Não foi para postar fotos incríveis nas redes sociais. Milhares de seguidores não me atraem.

De qualquer modo, decidi que ao invés de criticar os outros, vou criticar a mim mesma (e também, em alguns momentos, outros seres humanos) porque essas experiências me ajudaram a lapidar minha consideração moral para com o outro não humano. Quem sabe possa convidar outros humanos para atenderem esse alerta. Pensem a respeito e criar alternativas para que essa consideração se dissemine.

Tenho vergonha de postar algumas das fotos nas redes sociais. Aqui não. Aqui quero mostrar que errei. Foram erros pela paixão por bicho, mas mesmo assim erros porque a recíproca, até onde enxergo, não existia.

Minha família viajava junta sempre. Já disse que meu pai teve agência de viagem. Mas à medida que crescemos é fato que queremos escolher nossas trilhas e assim fui emancipada para poder viajar. Viajar com as amigas, viajar sozinha, viajar. E nessas viagens, quando podia escolher, escolhia ver bicho, ou o atual turismo de observação de fauna.

Aves. Aves, onde quer que possamos ir, as vemos. Ainda que Rachel Carson, em 1962, tenha nos chamado atenção para o perigo dos agrotóxicos que silenciaram as aves nos Estados Unidos, no Brasil foram liberados, somente em 2022, 652 pesticidas agrícolas que contaminam e exterminam seres vivos necessários para o equilíbrio e fertilidade do solo. Continuamos errando.

As aves sempre me surpreenderam positivamente. Como Tom Jobim, adoro urubus. Eles planam. Mas preciso segurar uma ave nas mãos ou obrigá-

las a se empoleirar nos meus braços para admirá-las? É necessário prendê-las em gaiolas para desfrutar seu esplendor?

Saber que uma águia dourada é retirada do ninho para auxiliar os povos tradicionais da Mongólia nas caçadas não me fez bem, mas não me impediu, assim como não impede centenas de turistas, de segurar a pobre ave de rapina para uma foto. Ela quer estar lá? Sei que não.

É uma tradição mantida pelos povos originários da Cordilheira de Altai. A explicação segundo o guia mongol foi que após cinco anos de escravidão elas são libertadas para poderem procriar e garantir que hajam outros filhotes para serem explorados. Elas comem, voam, são acariciadas por seus guardiões, mas também caem dos braços dos *eagle hunters* na espetacularização para turistas e dezenas de fotógrafos amadores gerados pelo acesso e avanço tecnológico dos pequenos smartphones ou das lentes poderosas das nikkons, canons e sonys que acompanham os turistas (Figura 1).



**Figura 1:** Águia dourada.  
**Figure 1:** The golden eagle.

De muitos episódios com aves nas viagens que fiz, vou me deter somente a mais um. Sempre desejei uma cacatua. Existia uma série antiga que assistia na televisão onde um detetive tinha uma cacatua que tomava whisky e era chamada de Frederico. A televisão não faz bem. Ficou no imaginário.

Sem qualquer senso crítico sobre o aprisionamento da ave, onde via uma cacatua pensava que um dia iria comprar (sim é comprar mesmo) uma. Depois de me sentar na grama do Jardim Botânico de Sidney (Austrália) e ver que, pelo livre arbítrio, as cacatuas se aproximaram de mim, só desejo que sejam livres (Figura 2).



**Figura 2:** Jardim Botânico de Sidney  
**Figure 2:** Botanic Garden - Sidney and cockatoos.

São psitacídeos, formam pares, voam juntas. Que direito tenho eu de tirar um ser desses dos céus? Por que privatizar uma vida? Talvez tenham se aproximado para me fazer desistir de uma vez por todas de aprisionar um indivíduo da espécie. Se foi assim, conseguiram. Um efeito positivo do turismo!!

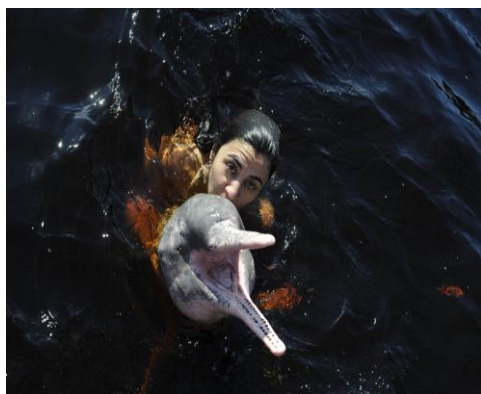
Sigamos para os bichos de água doce. É possível que um ser vivo aquático goste de um ser humano agarrado nele? Impossível que o boto cor-de-rosa estivesse feliz com essa ação inominável que pratiquei. Na época não era proibido. Atualmente é. Mas proibido ou não havia necessidade disso? Não havia. Peço perdão a esse ser mítico por essa falta de consideração e sensibilidade (Figura 3, próxima página).

O turismo de mergulho também pode ser considerado de observação da vida silvestre. Como é bom mergulhar e ver a vida marinha. Após lindos mergulhos em Fernando de Noronha vendo tubarões de diversos tipos, qual foi minha surpresa quando me convidaram para comer “tubalhau”, um bolinho frito feito com carne do tubarão!!!

Quando comia animais marinhos adorava arroz com polvo. Hoje penso: será que quem assistiu o documentário Professor Polvo (2020) consegue devorar o molusco? Não sei. Desejo que não consiga.

Ainda na Austrália também cometi o erro de segurar um coala nos braços. Depois de ver o tímido marsupial no ambiente natural percebi o quanto ele deve ter sofrido ao ser colocado nos meus braços de primata para tirar uma foto. E naquele tempo não era festival de self em viagens (Figura 4).





**Figura 3:** boto-cor-de-rosa/ Novo Airão/AM.  
**Figure 3:** pink dolphin/ Novo Airão/AM.



**Figura 4:** Coala no zoológico de Sidney.  
**Figure 4:** Koala at Sydney Zoo.

Quanto aos cangurus fico desolada ao saber que sua pele é utilizada para ser chutada nos campos de futebol. Sim. Fazem bolas da pele do canguru. Mais surpresa fico quando me oferecem carne de canguru na viagem

Pergunto como são as fazendas de produção da carne dele. A resposta é que são caçados na natureza mesmo. E as zoonoses? E as pandemias? E lá estão os turistas de observação de fauna devorando a carne do marsupial após tirar centenas de fotos daquele ser vivo pulando feliz nos campos australianos. Penso se estou com algum problema cognitivo.

África não existe. Existem Áfricas. Tão distintas, tão singulares, tão sofridas. Paraíso para *safaris* fotográficos. E lá vou eu com um grupo de fotógrafos estrangeiros observar a vida selvagem das savanas africanas.

Um leopardo caça uma gazela em Botsuana. Sobe na árvore e duas turistas estrangeiras, sentadas no *jeep* ao lado conversam e dão risada como se estivessem em um *shopping center*. Peço silêncio. Respeito. Uma vida foi tirada para que outra pudesse existir. Me olham torto, cochicham na língua do colonizador atual, mas se calam. Mais tarde se desculpam.

Família de guepardos caçando gazela no Quênia. Os *jeeps* se aproximam tanto que o desafortunado indivíduo da família dos bovídeos, cercado, perde sua chance de escapar ao bater em um dos veículos. Com a chance, perde a vida. É a Natureza! Nesse caso não foi. Ele tinha uma chance e nós, turistas, a tiramos.

Me pergunto para que se aproximar tanto se as lentes dos fotógrafos são verdadeiros telescópios? Guepardos alimentados e turistas felizes com seus *closes*, *selfs* e diferentes técnicas de captura. Minha máquina é *full frame*. A *mirrorless* da Canon é melhor que a da Nikon? Usou velocidade de quanto? Qual *iso*? Que foto linda! Usou filtro polarizado? Um ser vivo e consciente perdeu a vida e o que importa é a imagem.

Outro país. Mais *safari*. Vejo de longe um elefante macho raspando a pata dianteira no chão avisando um *jeep* que se aproxima para manter distância. O elefante balança o corpo e a tromba. Uma camada de pó flutua no ar. Lindo ver o sol batendo na terra e a silhueta do elefante, mas ele está irritado. O *jeep* se aproxima ainda mais até que o bicho avança sobre o veículo

e quase o derruba com a tromba. Mesmo dia. Um búfalo dispara atrás de um *jeep* que não manteve a devida distância.

Será que para fotografar um elefante ou um búfalo precisa se aproximar tanto assim? Seria o fotógrafo um Mister Magoo? Se o elefante derruba o *jeep* seria ele condenado à morte como fizeram com o gorila do zoológico de Cincinnati (EUA) em 2016 após um menino cair em sua jaula. O filhote humano não foi ferido, mas mesmo assim o gorila perdeu a vida. Os bichos sempre são os maiores prejudicados devido a arrogância humana. Afinal Descartes que deveria ter sido descartado há tempos disse que eles são máquinas.

## Considerações Finais

Não vou me estender muito mais com minhas experiências e termino essa autoetnografia somente com mais uma viagem para observação de vida silvestre. Preciosidade da Natureza que se desespera diante da ambição de uma espécie.

Viajei recentemente para o Pantanal matogrossense. Mas está queimando!!! Por isso mesmo. Quero ver se as onças (*Panthera onca*), as onças d'água (*Pteronura brasiliensis*), as encantadas e demais animais da fauna do Parque Estadual Encontro das Águas (entre as cidades de Barão do Melgaço e Poconé) estão bem. Foi lá que me apaixonei pelo felino que tinha o rosto cortado - o Scarface. É lá que está o Ousado, a onça símbolo de resistência do Pantanal. Aquele que teve as patas queimadas na tragédia de 2020.

Queimando ou não as pessoas que vivem do turismo de observação de fauna dependem dessa atividade. Do contrário não tem onça, capivara, anta, ariranha, aves, peixes, só fogo, caça, pasto. Só mais injustiça social e mais avanço da chamada bancada BBB (bala, bíblia e boi).

Encontrei Ousado. Símbolo de resistência das queimadas de 2020. Ele resiste ainda de coleira. Encontrei anta fazendo jogos pré nupciais e, apesar da alma do rio estar triste com a seca, assoreamento e contaminantes, as ariranhas, também chamadas pelos povos indígenas de onças d'água estão lá (ariranhas estão ameaçadas de extinção conforme a Portaria 148/2022 do Ministério do Meio Ambiente).

A observação da fauna é realizada com barcos a motor para quatro até aproximadamente 20 pessoas que navegam pelo rio Cuiabá e São Lourenço à procura dos bichos, em especial das onças.

Nos últimos anos houve aumento desse turismo para observar a encantada e tem muito turista estrangeiro. Dessa vez eu encontrei turista belga, francês, britânico e alemão. Em grupos para observar a vida selvagem. Um rapaz com feições filipinas também foi fotografar o Pantanal. Conte 16 barcos seguindo o Ousado caçando. Inclusive o meu.

Penso: será que tantos barcos não atrapalham a caça? Creio que sim. Mas será que isso não melhora a renda das pessoas? Tenho certeza que sim após o barqueiro informar que sem essa atividade ele não teria condições de pagar suas contas. Ele é barqueiro na época da temporada e servente de

pedreiro em Cuiabá no restante do tempo. Ele precisa da floresta em pé e se irrita com notícias de caça, queimadas e com a proibição de entrar no *corixo* Negro devido a filmagem de um documentário patrocinado pelo governo estadual para divulgação do turismo no exterior. Ele participou da limpeza desse corixo para desassoreá-lo e poder entrar com o barco. Isso o turista não faz. Também não faz o governante.

A esfera política é lamentável. Enquanto a maior parte da humanidade se comove com as queimadas, o governador do Mato Grosso, o mesmo que patrocina a filmagem, tenta impedir que a sociedade civil organizada alimente e dê água para os animais silvestres.

Felizmente as organizações animalistas estão atentas. Cada dia mais alertas. Uma delas entrou com uma ação derrubando o veto do governador. Aliás, a crueldade é vetada pela CF/88. Será que esse governador sabe ler ou já escutou com o corpo a sede e a fome, ou ainda se desesperou ao ver seus filhos correndo pelas labaredas?

A conservação depende muito de decisões políticas. Uma consciência planetária tentaria desassorear os *corixos* e impedir a poluição dos rios e peixes que alimentam tantas vidas no Pantanal. Tentaria fazer um plano para neutralizar o carbono dos barcos que são movidos a diesel. Tentaria manter a vida.

Os políticos estão preocupados com isso? E o turista? Está preocupado com os problemas políticos que estão envolvidos na conservação ou somente com as lindas fotografias que serão postadas nas redes sociais? A onça pegou o jacaré, mas não conseguiu fotografar o bote.

Em conversa com um companheiro de viagem, falei de justiça social. Fui repreendida porque afinal era uma viagem para ver os bichos. Expliquei que sem justiça social não vai mais ter bicho. Para exemplificar perguntei quantos turistas afrodescendentes ele tinha visto nos barcos de observadores da vida selvagem. Nenhum. E prestando serviço nos barcos como taifeiros, cozinheiros, entre outros? Quase todos. Ficou pensativo.

Nesses grupos de viagem sempre me perguntam porque não como carne. Evito repreender qualquer pessoa. Não sou juiz da consciência alheia. Acredito que o hábito alimentar é um dos mais difíceis de mudar. É cultural, colonizador. Os povos originários caçavam, é certo, mas não comiam carne todo dia. Também não tinham o indecente conceito de “animal de produção”. Animal é vida. Eu sou vida. A vaca e a anta também.

Diante das queimadas para abertura de pastos, da fumaça, da fuligem, das vidas perdidas pelas chamas, do comprometimento da respiração da geração presente e futura não valeria a pena ao menos diminuir o carnivorismo (Adams, 2012; Felipe, 2018). A propaganda tem muita responsabilidade sobre essa comilança do outro.

Em palestra recente, preparatória para seu próximo livro, a filósofa Sônia Felipe revela o quanto o ser humano é arrebanhado pela propaganda (nas palavras dela) a consumir, em especial alimentos. Mais um problema

para pensar. A propaganda é indutora da comilança do outro. É também indutora do desejo de vivenciar experiências memoráveis por meio do turismo.

Por que não mostrar o tratamento dos animais nos frigoríficos, nos estábulos antes dos rodeios, nas carroças, nas vaquejadas e cativeiros de hotéis turísticos? Recentemente soube que os animais de parques urbanos (desconfio que os não urbanos também sofram com isso) estão morrendo por herpes contraída dos alimentos que os seres humanos lhe oferecem. Os vulneráveis sempre sofrem mais.

Quando os filhos e netos dos que não pensam nisso não puderem respirar, qual será a resposta que vão dar? Comi seu oxigênio? Não sei. Não me cabe julgar, mas sem informação de boa qualidade sobre o desastre climático que vivemos e suas consequências, provavelmente essa ingestão desenfreada continuará. Já passamos do ponto de não retorno, é o que dizem pesquisadores do clima. Já passou da hora de abolir as causas do desastre climático. Estamos atrasados no reforço da consideração moral para com os não humanos.

Penso sobre a diminuição do consumo de cigarro. Será que as imagens das atrocidades que ocorrem nos frigoríficos e na indústria de ovos postadas nas embalagens em substituição a cara da galinha (ou outro animal não humano) feliz ou do porquinho sorridente auxiliarão na diminuição desse consumo?

Nas embalagens de cigarro tem imagens das consequências do seu uso para os fumantes. Proibiram as propagandas *hollywodianas*. Diminuiu o consumo. Não penso que a diminuição foi somente por esses motivos, mas considero que contribuiu.

E as carnes encharcadas de antibióticos, hormônios, corantes, conservantes, e tantas outras substâncias nocivas à saúde humana? Onde estão os alertas da propaganda? E as carnes vegetais? Conseguirão frear o desmatamento ou por herança midiática e de mentes colonizadas o ser humano quer comer o bicho mesmo?

Volto para observar a vida silvestre. Vejo com meus olhos, mas também através da máquina. Quero registrar. Não sei quanto tempo essa Natureza resistirá. Não sei quanto tempo eu resistirei. Em tempos de pós pandemia, nossas incertezas foram escancaradas.

Fui condenada a não ver o pássaro Dodô e o tigre da tasmânia. Quero ver com as janelas da minha alma aqueles que nossa espécie ainda não conseguiu dizimar. O Dodô não verei vivo. Muitas outras espécies também não.

Cada clique da máquina fotográfica é um *shot*. Um tiro. Será que as armas estão no imaginário do fotógrafo? A máquina fotográfica é uma substituta para as armas? Máquinas fotográficas seriam aceitas nas guerras da Rússia, em Gaza ou no Líbano?

Nessas horas penso que Lois Jacques Mandè Daguerre, o francês inventor da máquina fotográfica deveria ser canonizado. Mas há quem defenda o uso das armas, das guerras, do genocídio, do especismo, da

crueidade, então acredito que a humanidade não evoluiu o suficiente para substituir as armas pelas artes.

Haverá ainda tempo?

## Referências

ADAMS, Carol. **A política sexual da carne: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina**. Trad. Cristina Cupertino. 1a. ed. São Paulo: Alaúde editorial, 2012.

BENITES, Sandra. **Viver na língua guarani-nhandewa (mulher falando)**. Dissertação PPGAS. Museu Nacional-UFRJ, 2018.

CHAMY, Paula. As plantas da minha infância: um exercício de autoetnografia. SOUTO, F. *et al.* (org) **Quando pensa que não...: contos, crônicas e causos em Etnoecologia**, vol IV. Porto Alegre: SBEE, 2022.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject. DENZIN, N.; LINCOLN, Y (Eds.). **Collecting and Interpreting Qualitative Materials**. Califórnia: SAGE, 2003.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur. Autoetnografia: um panorama **Astrolábio**, n.14, CIECS/UNC 2015.

FELIPE. Sônia. **Carnelatria: escolha omnis vorax mortal**. Carmo da Cachoeira: Irdin Editora, 2018.

FERRAROTTI, Franco. Biografía y ciencias sociales. **Cuadernos de Ciências Sociales**, n.18. Facultad latinoamericana de Ciencias Sociales, San José, 1988.

FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método, **Convergencia: revista de ciencias sociales**, vol. 14, n.44, mayo-agosto, Universidad Autónoma del Estado de México Toluca, 2007.

MARQUES, José Geraldo W. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. 2a.ed. São Paulo: NUPAUB, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia Social**, v.16, n.2, Ago 2004.

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021.

VIDAL, Marcelo; PAIM, Fernanda; MAMEDE, Simone. Diversidade e potencialidades do turismo com mamíferos na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Ecoturismo**. São Paulo, vol.5, n.2, mai-jul, 2022.

## Documentário

REED, James; EHRLICH, Pippa. **Professor polvo**. Direção: Produção: Craig Foster. África do Sul, 2020.

## Notas:



<sup>1</sup>.Corixo é um curso d'água que se forma na planície pantaneira durante as cheias. No Pantanal do Mato Grosso os corixos recebem nomes e são referenciados pelos barqueiros como se fossem ruas da uma cidade.

<sup>2</sup> Taifeiro é o profissional que, em uma embarcação, mantém a limpeza das cabines e áreas comuns. Servente geral da embarcação.

### **Agradecimentos**

Agradeço a Natureza por resistir e por todos os seres materiais e imateriais com quem me encontro diariamente, em especial os animais não humanos que me atravessam e transformam.

**Paula Chamy Pereira da Costa:** Grupo de Estudos em Filosofia Animal – Diversitas, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: paula.chamy@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3554370491408010>

Data de submissão: 30 de setembro de 2024

Data do aceite: 03 de dezembro de 2024

Avaliado anonimamente